

CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL: PROPOSTAS DE ATIVIDADES EM ESPAÇO FORMAL E NÃO FORMAL EM ESCOLA MUNICIPAL DE NITERÓI.

ENVIRONMENTAL AWARENESS: PROPOSED ACTIVITIES IN SPACE IN FORMAL AND NON-FORMAL SCHOOL HALL OF NITERÓI.

Luciana Maria Bastos Jardim

Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, lubjardim@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta atividades desenvolvidas em espaço formal e não-formal em escola municipal de Niterói, onde buscou-se promover a reflexão sobre as questões ambientais, contribuindo para a conscientização pelo conhecimento e pela prática reflexiva. Estas ações foram realizadas utilizando a metodologia da pesquisa participante, onde, como pedagoga da escola, destaquei nas reuniões pedagógicas a discussão da Educação Ambiental crítica, o papel do Educador Ambiental e a criação de ambientes educativos onde se rompem com a centralidade do professor diante do conhecimento e coloca-se os alunos e a comunidade como protagonistas. Para realizar esta pesquisa, dialoguei com os autores Paulo Freire, Mauro Guimarães, Loureiro e outros do campo da Educação Ambiental. Utilizando os pressupostos da pesquisa participante, construímos um diálogo constante acerca das atividades realizadas dentro e fora do âmbito escolar, produzindo coletivamente um espaço escolar transformador.

Palavras-chave: Conscientização, Educação Ambiental, Espaço formal e não-formal, Pesquisa participante.

ABSTRACT

This paper presents activities in the formal and non-formal municipal school in Niterói, which sought to promote reflection on environmental issues, contributing to awareness by knowledge and reflective practice. These actions were carried out using the methodology of participatory research, where, as the school pedagogue, highlighted meetings pedagogical discussion of critical Environmental Education, Environmental Educator's role and creating learning environments where they break with the centrality of the teacher in front of knowledge and puts up the students and the community as protagonists. To conduct this research, the authors dialogued with Paulo Freire, Mauro Guimarães, Loureiro and others in the field of environmental education. Using the assumptions of participatory research, we build an ongoing dialogue about the activities carried out within and outside the school, collectively producing a space transformer school.

Keywords : Awareness, Environmental Education, Space formal and non-formal, research participant.

Campus da Praia Vermelha/UFF

O trabalho apresenta uma pesquisa que desenvolveu-se dentro da concepção de pesquisa participante, onde o objeto de investigação são as atividades propostas pelos alunos, responsáveis e professores, onde irão buscar ações de formação e transformação do ambiente escolar e no entorno da unidade escolar (a comunidade). As ações investigativas problematizarão os objetivos da pesquisa numa perspectiva de diálogo e interlocução com os sujeitos. A relação de pesquisador e pesquisado somente será concebida a partir de uma atitude de respeito e reconhecendo que o estabelecimento de um ambiente de confiança será favorável à própria pesquisa. Acreditando que um projeto de pesquisa deve, sobretudo, contribuir de alguma forma com o campo pesquisado, a postura de investigação deve ser planejada buscando movimentos dialógicos através de permanentes reflexões.

Especificamente, como já foi dito, o desenvolvimento da pesquisa se deu dentro de uma escola da Rede Municipal de Educação de Niterói, onde questões relativas a educação ambiental emergiram em anos anteriores, nas reuniões de professores, mas que não avançaram.

Guimarães diz que é preciso, como intervenção educacional, a construção de um ambiente educativo de conscientização que vá da denúncia à compreensão-construção de uma realidade socioambiental em sua complexidade.

De acordo com o Art. 9, da Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, a EA deve estar presente e ser desenvolvida no âmbito do currículo das instituições de ensino público e privada, englobando:

I – Educação Básica:

- a) Educação infantil;
- b) Ensino fundamental; e
- c) Ensino médio.

II – Educação Superior;

III – Educação Especial;

IV – Educação Profissional; e

V – Educação de Jovens e Adultos.

A escola, sem abster-se da política instituída pela lei, materializa essa discussão com base nos Referenciais Curriculares de Educação Ambiental.

As discussões acerca da Educação Ambiental no Brasil vêm lentamente se configurando e podemos perceber que isso reflete na formação dos professores e também na escola de ensino fundamental.

Diante disto, Loureiro (2004), aponta que a falta de percepção da Educação Ambiental como processo educativo, reflexo de um movimento histórico, produziu uma prática descontextualizada, voltada para a solução de problemas de ordem física do ambiente, incapaz de discutir questões sociais e categorias centrais da educação. onde as práticas conservadoras ainda dominam .

A escola que é a instituição na ponta do sistema educacional recebe os professores com uma formação precária e onde as práticas conservadoras ainda preponderam. (ALVES, 2002,103). Numa perspectiva crítica, cabe à escola formar o cidadão participante da sociedade e consciente de suas ações. Assim compreendemos que a educação escolar deve favorecer, além da transmissão sistemática dos conteúdos de ensino historicamente produzidos e acumulados, uma compreensão concreta e crítica dos mesmos, para que possam ser reelaborados. É nesse espaço que se perpetuam ou se renovam as práticas de ensino e as de aprendizagem.

Assim nas salas de aula, o ensino de Ciências aborda as questões ambientais contidas nos livros didáticos que apontam o lixo, a reciclagem de latinhas e garrafas PET, o cuidado com o desperdício da água do planeta e o passo a passo para combater a Dengue como temas centrais e investindo em práticas individualizadas. Desconsiderando assim a grave crise socioambiental pela qual passamos e as correlações com as mudanças sociais que a sociedade precisa investir.

Paulo Freire (1996) indica o caminho: "Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção".

A Educação Ambiental crítica nos coloca um desafio, transformar o individual em coletivo, plural, ético e crítico. O importante é a problematização da realidade, de nossos valores, atitudes e comportamentos. Neste sentido, conscientizar só faz sentido como nos diz Paulo Freire, "conscientização", processo de mútua aprendizagem pelo diálogo, reflexão e ação no mundo. Movimento coletivo de ampliação do conhecimento

das relações que constituem a realidade, de leitura de mundo, conhecendo-o para transformá-lo e, ao transformá-lo, conhecê-lo.

A proposta de pesquisa pretendeu investigar as possibilidades de desenvolver atividades em escola municipal de Ensino Fundamental que promovam a reflexão sobre as questões ambientais do seu entorno para que haja um processo de conscientização pela ação do conhecimento e pela prática social reflexiva.

O tema proposto por esta pesquisa é de importante relevância dada à ação dos pais, alunos, professores e funcionários na construção de um espaço dialógico na escola. A pesquisa pretendeu discutir essas possibilidades registrando as lutas, as participações, as conquistas, os fracassos, desenhando esses esforços característicos de qualquer processo histórico.

Esta pesquisa encontra seus objetivos já a partir da própria atividade econômica local, que se baseia na pesca. A necessidade de promover o debate sobre as questões ambientais e conscientizar, sobre os impactos gerados no meio ambiente pela ação do homem, reforça a proposta.

Pretendeu, ainda, desenvolver, no corpo da pesquisa, o conceito de conscientização:

O desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização comporta, pois, um ir além da (apreensão) fase espontânea até chegar a uma fase crítica, na qual a realidade se torna um objeto cognoscível e se assume uma posição epistemológica procurando conhecer. (FREIRE, 1980, p. 290).

Segundo Brandão (2006), a pesquisa participante apresenta dois atributos básicos: relação de reciprocidade entre sujeito e objeto e relação dialética entre teoria e prática. A pesquisa foi norteadada por esses dois atributos.

O primeiro atributo da pesquisa participante se apresentou na chegada das professoras no mês de fevereiro de 2011, na primeira reunião de planejamento. Organizamos uma reunião na sala de leitura para pensarmos coletivamente as questões que nos afligiam, estavam presentes professoras, EAP e membros do CEC que juntos buscaram respostas para o plano de ação deste ano. Ao iniciar a reunião, eu tinha como foco apresentar o esboço de meu projeto de pesquisa e solicitar que as professoras enriquecessem a proposta e que pudéssemos juntas desenvolvê-lo na escola. Mas, essa é uma pesquisa participante? Onde a realidade tinha sido tomada como objeto de investigação?

As professoras conversavam enlouquecidamente sobre tudo o que era possível e eu já tinha guardado o projeto em minha pasta quando ouvi uma professora dizer:

- “Vamos retomar o lema da escola - uma escola de Bem com a Vida!”

Outra toma a palavra e retruca:

- “Um plano de ação onde o tema fosse meio ambiente, afinal estamos vendo o entorno da escola sofrer!”

A diretora adjunta diz:

- “Meio Ambiente – a sustentabilidade.”

Outra professora diz:

- “Precisamos estudar mais, esse tema é difícil!”

Outra se vira pra mim e diz:

- “O que você acha?”

Na verdade o foco recai sobre as múltiplas atividades que alunos, professoras, EAP, pais e funcionários, parceiros da comunidade no entorno da escola (posto de saúde, pescadores, associação de moradores, etc.) realizariam a partir do tema. Mas, especificamente, minha pesquisa tem por objeto as atividades propostas e desenvolvidas pelos sujeitos já citados, buscando uma transformação do espaço escola, do seu entorno e dos modos de pensar e agir com o ambiente.

Então, abri a pasta, tirei meu projeto e comecei a ler. Percebi que algumas professoras já faziam anotações e acenavam com a cabeça e outras logo afirmaram:

-É muita coisa, mais trabalho, já tenho muito.

Pedi para que pudéssemos ter outra reunião de estudo e após esse encontro elas decidiriam. Preparei para a próxima reunião a leitura do texto: A dimensão mítica da reciclagem, de Elizabeth Moreira Silva, indicado pelo Professor Antônio Carlos de Miranda. Trouxe esse texto à reunião porque foi uma leitura impactante que me fez apaixonar por esta temática, conduzindo a este Mestrado.

Preparei a sala de leitura, pois é um espaço agradável aos olhos e confortável, organizei uma roda e, ao centro, deixei vários materiais de artes para um segundo momento. Iniciei a leitura (tinha lido umas dez vezes o texto sozinha) e percebi que algumas muralhas vieram abaixo, vi olhares de reprovação e vi uma professora sair e voltar um bom tempo depois. Isso me preocupou, pois, ela é a líder do grupo e se ela não gostar ninguém gosta! Houve o recesso do carnaval e então, na última semana de

fevereiro, na primeira reunião de planejamento, obtive a adesão das professoras, com exceção de uma e enfim, eu poderia desenvolver a pesquisa com as turmas.

Dessa forma, acredita-se que nenhum trabalho surge do acaso e nesse sentido, ao organizar a pauta da primeira reunião, percebe-se que os fios iam se tramando e já existia uma forma. A pesquisa já se delineava como participante, pois problematizou as relações de poder e saber do grupo. É o componente político que possibilita discutir a importância do processo de investigação, tendo por perspectiva a intervenção na realidade social.

O segundo atributo da pesquisa participante, a relação dialética entre teoria e prática, começa a ganhar consistência quando percebi que as propostas do plano de ação e da pesquisa caminhavam junto e tomavam um rumo interessante. Nos meus dias de trabalho na escola, percebi um movimento tímido, porém, vivo nos corredores e salas de aula. A cada manhã que eu chegava percebia nos murais externos (aqueles que ficam à vista dos pais e responsáveis, quando entram na escola), o registro escrito e iconográfico das atividades desenvolvidas em sala de aula. Destaco como significativo o trabalho de campo feito pela turma de 5º ano com o apoio de sua professora, eles começaram a observar quando vinham para escola pela manhã, que havia muito lixo na areia da praia e começaram a perguntar de onde vinha esse lixo, fizeram pesquisas na sala de informática e registraram em seus cadernos dúvidas que ainda tinham. A professora então me solicitou para juntas levarmos seus alunos até a Praia do Cais, em frente à escola, para entrevistar os pescadores que ali ficam trabalhando e que tem mais condições de explicar sobre a maré e sobre a poluição. Fomos até a praia e tudo foi filmado e fotografado. Ao chegarem à sala de aula, a professora combinou de continuarem esta conversa no dia seguinte. Planejamos então exibir para eles um documentário sobre a Baía da Guanabara. Os alunos organizaram um mural informativo em sala de aula com as perguntas e as respostas obtidas através das entrevistas e pesquisas. Todo esse movimento gerou nos alunos um sentimento de valorização do saber de seus pais pescadores e motivou a professora em inscrever o trabalho para um concurso no qual foi premiada pela FME, o que foi muito bom para o seu trabalho em sala e a Houve o recesso do carnaval e então, na última semana de fevereiro, na primeira reunião de planejamento, obtive a adesão das professoras, com exceção de uma e enfim, eu poderia desenvolver a pesquisa com as turmas.

Dessa forma, acredita-se que nenhum trabalho surge do acaso e nesse sentido, ao organizar a pauta da primeira reunião, percebe-se que os fios iam se tramando e já existia uma forma.

Mauro Guimarães (2005, p.42) aponta que no planejamento do trabalho com educação ambiental devem-se considerar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento e estes, serão o ponto de partida para proceder-se a reelaboração com vistas à produção de novos conhecimentos aplicados à realidade no sentido de transformá-la.

O EDUCADOR AMBIENTAL SEGUNDO MAURO GUIMARÃES

A educação ambiental é uma prática pedagógica. Essa prática não se realiza sozinha, mas nas relações do ambiente escolar, na interação entre diferentes atores, conduzida por um sujeito, os educadores. (GUIMARÃES, 2007, p.38)

Uma das atividades que mais desestabilizaram as professoras, pais e responsáveis foi a proposta de juntos discutirmos a alimentação escolar saudável em casa e na escola. Fizemos primeiramente um comunicado por escrito, reforçando a nossa conversa e solicitando que não deixassem as crianças trazerem doces, balas, biscoitos e refrigerantes no café nem no almoço.

Marcamos a reunião num sábado pela manhã para os pais que trabalham, para que iniciássemos com um café igual ao que é oferecido aos seus filhos e filhas. Tivemos como parcerias a nutricionista do Posto de Saúde de Jurujuba e a responsável pela merenda escolar no município. A nutricionista serviu o café explicando o valor de cada alimento e como ela prepara um cardápio balanceado com três refeições para cada escola. Explicou, ainda, porque na nossa UE, o peixe (cação) era frito e de 15 em 15 dias: a maioria dos alunos não aceitava peixe cozido e o que sobrava era descartado. A diretora, então, levou o caso ao setor responsável e foi autorizado, excepcionalmente, que as merendeiras fritassem o peixe. A nutricionista explicou, ainda, o quanto de gordura uma criança pode ingerir. A responsável pela merenda do município esclareceu a frequência das entregas de frutas da época, legumes, verduras, pães e requeijão.

A minha fala como pedagoga se deu, explicando que todos (professoras, merendeiras, serventes, etc.) fazemos um trabalho diário e incansável para que os alunos da EI até o 5º ano experimentem todo tipo de alimento que é oferecido na escola e da necessidade da manutenção desse hábito, dentro do possível, em casa. Expliquei que os

doces, balas, refrigerantes e “snacks” tem um poder de sedução enorme para eles, porém, ao vermos, às sete da manhã, o aluno vir com a mão cheia deles e deixar de tomar um café com leite, pão, requeijão e uma fruta, temos que intervir! Foi necessário que cada professora explicasse que estava trabalhando com esse tema em sala de aula, com literatura infanto-juvenil e textos informativos. Apresentaram os cartazes e textos produzidos em sala de aula. Tudo contextualizado! Na EI usamos também os vídeos do Senhor Banana no site YOUTUBE e músicas para motivação. Os pais e responsáveis compreenderam e concordaram.

Para que as professoras, que alguns meses atrás, não tinham essa temática como foco, compreendessem melhor, trouxe para nossas reuniões pedagógicas alguns livros, jogos e materiais que abordassem essas questões. Elas leram, tiraram sugestões de atividades para utilizarem em sala de aula e até no refeitório, como receitas fáceis e nutritivas. Combinamos que todas iriam acompanhar seus alunos nas três principais refeições, iriam negociar que experimentassem os alimentos que diziam não gostar e na volta para sala propor conversas sobre merenda escolar, sua importância, o cardápio escolar e o porquê da nossa discordância com os lanches vindos de casa. A turma iria produzir coletivamente, com ajuda da professora para os que ainda não escrevem sozinhos, um texto coletivo para apresentarmos aos pais. Tudo isso foi relatado aos pais.

Também organizamos na biblioteca da escola a fala de dois pais que são pescadores para nos explicar os tipos de peixes ali pescados, os peixes que rarearam e o que a destruição do meio ambiente estava fazendo com a pesca artesanal no bairro de Jurujuba. Logo após esta conversa fizemos um lanche coletivo e os pais foram encaminhados para as oficinas de reaproveitamento de alimentos com os nossos estagiários e bolsistas da UFF.

À medida que as atividades foram terminando, fui procurada por alguns pais que sigilosamente me indicavam que por ficarem dias e até meses no mar (pescadores) longe dos filhos e filhas permitiam e davam indiscriminadamente esses alimentos como forma de compensação. As mães também, por terem que ir atrás do sustento, deixavam muitas vezes a alimentação a cargo das próprias crianças, dando algum dinheiro para escolher o “lanche”.

Dialogamos sempre com muito respeito, mas afirmando que essa permissividade só prejudicava o desenvolvimento físico e educativo dos alunos. Combinamos, então, outro dia para uma conversa mais caso a caso.

Ao conhecerem o cardápio escolar, experimentarem e se informarem, muitos começaram a se interrogar sobre as atitudes que estavam tendo com seus filhos. Não conseguimos atingir o total de pais e responsáveis, mas sabemos que a relação de reciprocidade com que organizamos essa troca de saberes só fortaleceu a parceria com a comunidade. Percebe-se que, ainda hoje, há uma valorização do ensino de português e matemática, em detrimento das demais áreas do conhecimento. Nesse contexto, é evidente a desvalorização da educação científica. As professoras, por consequência, minimizam tais conhecimentos, mesmo tendo a consciência de sua importância.

É no contexto das práticas que se confirmam, se traduzem ou nascem as teorias. Assim, a escola como espaço formal nem sempre dá conta de construir e desconstruir práticas. Deve-se buscar em espaços não formais a complementariedade.

O desafio de pôr o saber científico ao alcance de um público escolar em escala sem precedentes, público este, representado pela primeira vez em nossa história, por todos os segmentos sociais e com a maioria expressiva oriunda das classes e culturas que não frequentaram a escola; não pode ser enfrentado com as mesmas práticas docentes das décadas anteriores ou da escola de poucos e para poucos.

A dificuldade hoje é de incorporar à prática docente e aos programas de ensino, os conhecimentos de ciência e tecnologia relevantes para a formação cultural dos alunos.

Outro aspecto a ser superado é que o livro didático continua prevalecendo na maioria das salas de aula como principal instrumento de trabalho das professoras, embasando significativamente a prática docente. Um conceito que passou a ser discutido por nós professores nas reuniões pedagógicas foi o de transposição didática, onde no complexo caminho percorrido entre o contexto de produção das teorias e modelos até a sua inclusão no currículo escolar, por muitas vezes, a natureza do conhecimento é alterada. Entre outras consequências dessa transposição didática mais relacionada à atuação docente, está o não discernimento, pela professora, da diferenciação entre objetos do conhecimento – nos quais são transformados os fenômenos que a ciência estuda para melhor compreendê-los – e conhecimentos produzidos sobre esses objetos, ou seja, as definições, conceitos, modelos e teorias, meios que a ciência investiga, cria, em sua trajetória para uma compreensão da natureza. Ao se pretender veiculá-los na educação escolar, não se pode identificar um com o outro por simples justaposição e eles não podem, implícita ou explicitamente, ser considerados a mesma categoria.

SUSTENTABILIDADE E EDUCAÇÃO SEGUNDO LOUREIRO

A EA no Brasil se volta, assim, para a formação humana. O que significa dizer que esta cabe o conhecimento (ecológico, científico, político e social) e o comportamento, mas, para que isso ocorra, deve promover simultaneamente:

- A participação ativa das pessoas e grupos na melhoria do ambiente;
 - A autonomia dos grupos sociais na construção de alternativas sustentáveis;
 - O amplo direito à informação como condição para a tomada de decisão;
 - Mudanças de atitudes;
 - A aquisição de habilidades específicas; e
 - A problematização da realidade ambiental.
- Loureiro (2012, p.84)

As diretoras da escola, já envolvidas com o registro das falas das reuniões, propuseram a busca de outras parcerias para a concretização das ações e os caminhos para atender aos sujeitos dessa ação foram se abrindo e um representante da Companhia Repsol procurou a escola perguntando se havia interesse nas oficinas oferecidas pelo seu projeto Plataforma Educativa Repsol Sinopec. Oferecemos o espaço escolar para a realização da ação e enviamos bilhetes para os pais convidando para participarem das oficinas. Porém a plataforma instalou-se na praia do Cais em frente a escola, o que caracteriza-se como uma atividade em espaço não formal.

A Plataforma Educativa Repsol Sinopec é um programa itinerante e tem como objetivo levar conhecimento, qualificação e aperfeiçoamento profissional às comunidades costeiras onde a companhia atua. Em uma unidade móvel de 12 metros de comprimento, equipada com computadores, kits multimídias, energia solar e com capacidade para atender 25 alunos por turma, são oferecidas palestras nas áreas de saúde e meio ambiente e cursos voltados especialmente para a comunidade pesqueira como "Gestão de Resíduos no Mar", "Processamento de Pescados", "Manutenção Preventiva de Motores", "Radio amador", "Pescador Profissional" (POP) e "Marinheiro Auxiliar de Convés" (MAC). Através destas parcerias a Plataforma Educativa também oferece atividades complementares aos assuntos relacionados às atividades profissionais do pescador com palestras sobre: "Legalização de embarcações e provas de habilitação para Arrais Amador e Mestre Amador", "Legislação ambiental sobre pesca" e de interesse comum como "Preservação ambiental", orientações sobre saúde e condutas de risco, aferição de pressão e medição de diabetes.

A Plataforma Educativa é coordenada pelo Instituto Atlantis de Preservação Ambiental e conta com o apoio de uma rede de parceiros — Marinha do Brasil,

empresas privadas, Prefeituras e Secretarias Municipais de Educação, Meio Ambiente e Turismo das cidades por onde passa. Todas as atividades são gratuitas.

Outro movimento que vale apenas destacar é da professora do 5º ano, que ao observar a biblioteca escolar com suas estantes e livros desorganizados, com capas rasgadas e sem catalogação, propôs ao seu grupo de 28 alunos a organização daquele espaço. Os alunos dividiram-se em quatro grupos de sete alunos e cada grupo cumpriu uma tarefa específica (limpeza, recuperação, catalogação e arrumação). Nesse momento, professora e alunos perceberam que havia alguns livros interessantes para o estudo dos temas ambientais e de ciências e aquela ação tornou-se uma proposta de trabalho: Os alunos escolhiam um tema a partir do livro escolhido, faziam a leitura individualmente e numa data combinada cada aluno apresentaria o texto para os demais alunos numa roda de leitura. A partir da leitura, a professora iria propor a elaboração de perguntas sobre o tema ao grupo e eles iriam preparar ilustrações com legendas para o mural da sala.

Foi ouvindo o relato da professora que percebi como é possível estruturar um trabalho pedagógico de leitura sem torná-lo uma obrigação enfadonha e maçante. A professora é convidada a refletir sobre sua prática e seu planejamento. Acreditar que se pode ter o controle de uma situação e de seus efeitos, como no caso da ação pedagógica, é um exemplo de uma posição que tem sido combatida por autores que pensam a educação crítica. Cabe a nós professores estabelecer nexos e contextualizações que favoreçam a construção criativa de alternativas pedagógicas e políticas na escola. A roda de leitura.

Destaca-se o que o autor põe em relevo:

Logo o fazer por fazer não conduz necessariamente à alteração substantiva da realidade, visto que não se pode confundir o movimento dinâmico e complexo do real com superação de relações determinadas historicamente instituídas em certas formações socioeconômicas. Nas quais objetivamente falando, criar algo novo não significa de modo imediato que esse novo seja sentido de supressão de relações identificadas como expropriado. O novo, dependendo do contexto, pode ser, apenas, a criação de mecanismos menos prejudiciais certos aspectos ambientais (geralmente os estritamente ecológicos) que garantem a percepção do modo de produção capitalista, uma vez que minimizam conflitos e garantem o uso prolongado do recurso natural. (Foster, 2002)

Loureiro defende a indissociabilidade entre teoria e prática e a compreensão da importância desse movimento. Esse é um dos componentes essenciais para EA, isto é,

uma exigência a ser observada nos projetos, programas e ações e garantida como premissa nas políticas públicas construídas no Brasil.

O autor também nos alerta que a educação seja sempre uma prioridade para as estratégias de promoção da sustentabilidade em qualquer política pública. E destaca alguns pontos:

Educar para a sustentabilidade, dá a entender que se educa com fins instrumentais e pragmáticos e podem estar dissociados de fins emancipatórios e reflexivos;

Enfatizar a indissociação entre o social e o ecológico;

Desconstruir a ideia de que mudar comportamento é sinônimo de mudar a realidade é apostar que as relações se dão sempre do indivíduo para o outro, aqui não há dialética entre eu/outro, mútua determinação. O problema passa a ser o indivíduo e não as relações sociais;

O cerne da EA é a problematização da realidade, valores, atitudes e comportamentos em práticas dialógicas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda(org.).Formação de Professores: pensar e fazer.7.ed.São Paulo: Cortez,2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). Repensando a Pesquisa participante. São Paulo:Brasiliense,1990.
- FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Freire.3.ed.Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Moraes,1980.
- _____.Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1967.
- _____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GUIMARÃES, Mauro. (Org.). Caminhos da educação ambiental: da força à ação .Campinas: Papyrus, 2006.
- _____.Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico B., LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de.(Org.).Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo, Cotez,2006.
- _____.A formação de educadores ambientais.Campinas:Papyrus,2004.
- GRÜN, Mauro ética e educação ambiental: a conexão necessária 8.ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier (Coord.).Identidades da educação Ambiental .Brasília: Ministério do Meio Ambiente,2004.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B., LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de.(Org.).Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cotez,2006.
- MIRANDA, Antonio Carlos de .(Org.).A Dimensão do Mito: na cosmologia, na educação ambiental; na história em quadrinhos. São Paulo: All Print Editora,2005.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem- feita : repensar a reforma , reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 10. Ed .Rio de janeiro: Bertrand Brasil,2004.
- VIÉGAS, Aline. A educação ambiental nos contextos escolares: para além da limitação compreensiva e da incapacidade discursiva. Niterói: Dissertação de Mestrado, UFF, 2002.

